

A CONSCIÊNCIA, O INCONSCIENTE E A TEMPORALIDADE PSÍQUICA

(Consciousness, unconscious and the psychic temporality)

José Roberto Martinez

Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Grande Dourados-MS
Doutor em Filosofia (UFSCar)

Resumo: A psicopatologia fenomenostrutural de Eugène Minkowski (1885-1972) representa uma tentativa de conciliar a fenomenologia e o estruturalismo na elucidação compreensiva do conhecimento sobre a subjetividade e a vida psíquica dita “normal” e patológica. Este artigo pretende mostrar que o conceito de “tempo vivido” é fundamental na fenomenologia da percepção do tempo na psicopatologia antropossocial minkowskiana, englobando outros conceitos essenciais tais como: a consciência-inconsciente, o *continuum* (continuidade) normal-patológico, a irreduzibilidade e a indivisibilidade da personalidade, o *spectrum* inconsciente-consciente e o *spectrum* neurose-psicose, a sincronicidade vivida e a sua relação com o conceito dinâmico de tempo-duração, o contato vital com a realidade, a dissociação da síntese da consciência e a irreduzibilidade da vida psíquica humana.

Palavras-chave: metapsicopatologia, fenomenostrutural, tempo vivido, consciência-inconsciente, irreduzibilidade.

Abstract: The phenomenostructural psychopathology of Eugène Minkowski (1885-1972) represents an attempt to conciliate the phenomenology and the structuralism in the comprehensive elucidation of the knowledge about the subjectivity and the so called “normal” and pathological mental life. This paper intends to show that the concept of “lived time” is essential in the phenomenology of time’s perception inside the anthropological and sociological minkowskian psychopathology, involving others essential concepts like these: the unconscious-consciousness, the normal and pathological *continuum*, the irreducibility and indivisibility of the personality, the lived synchronicity and its relation to the dynamic concept of time-duration, the vital contact with the reality, the dissociation of the synthesis of the consciousness and the irreducibility of the human mental life.

Key-words: metapsychopathology, phenomenostructural, lived time, unconscious-consciousness, irreducibility, time-duration.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar as linhas gerais da análise fenomenológico-estrutural do filósofo e psiquiatra Eugène Minkowski (1885-1972), na esteira filosófica de Henri Bergson (1859-1941), no que concerne ao problema dos conceitos de consciência, de inconsciente e de vivência psíquica temporo-espacial, no âmbito da continuidade (*continuum*) do tempo-espço, inconsciente-consciente e normal-patológico. Para tanto, abordaremos os problemas conceituais decorrentes da vivência psíquica temporal ligada a alguns conceitos fundamentais da fenomenologia da vida psíquica, tais como: contato afetivo ou vital, dados imediatos da consciência, duração ou tempo vivido, instantaneidade ou simultaneidade e sucessividade temporais, intuição, tempo-qualidade, pulsão vital (*élan vital*), sincronicidade vivida, simpatia, consciência e inconsciente, etc. Iniciaremos apresentando o conceito de tempo ou duração vivencial no contexto da obra “*O tempo vivido*” (1933), de Eugène Minkowski. A seguir, indicaremos brevemente que os conceitos de consciência e de inconsciente para Minkowski estão ligados intimamente ao de *tempo presente*, tal como desenvolvido por Henri Bergson na terceira parte de sua obra “*Matéria e memória*”, de 1896. Finalmente, tentaremos mostrar uma possível relação heurística entre os vários conceitos fenomenológicos ligados ao conceito de tempo vivencial, no contexto da visão bergson-minkowskiana, com destaque para a aparentemente contraditória expressão “consciência do inconsciente”, em oposição à tradicional concepção psicanalítica freudiana, como uma alternativa epistemológica à superação do tradicional problema dos vários dualismos, ditos

realistas, idealistas, de substâncias, de propriedades, etc. As conceituações teóricas minkowskianas, aplicadas à psicopatologia trazem uma nova visão da doença mental, sobretudo no diz respeito à concepção de um espectro contínuo que abrange a totalidade da vida psíquica patológica, apontando para a superação do tradicional e secular problema da artificialidade das classificações reducionistas dos transtornos mentais.

Tempo, vivência temporal e intuição

O conceito de tempo apresenta, em suas origens semânticas gregas, sempre um significado que remete a algo dinâmico. Vejamos: o ser (*ho óntos*, ‘ο ’οντος) e o devir (*ho aión*, ‘ο αιων) têm o sentido de algo que “é” no instante em que “está sendo”. O verbo ser (eu sou) na primeira pessoa do singular (*eimí*, εἰμι) e o seu presente do infinitivo (*einai*, εἶναι), tem a significação de futuro (eu irei) e é por isso empregado no lugar do tempo verbal futuro. O particípio presente do verbo ser corresponde ao gerúndio em português (*ón*, *óusa*, *ón*, respectivamente masculino, feminino e neutro: ’ον, ’ουσα, ’οντος), e são declinados na forma *óntos*, no masculino e neutro (’οντος), lembrando-nos a raiz de vários conceitos filosóficos relativos ao “ser”, como ontologia, ontogenia, etc. O particípio futuro do verbo ir (*iôn*, *ióntos*, havendo de ir) também expressa movimento, duração (*íων*, ’ιον, ’ιοντος), no sentido de estar indo. Tanto o infinitivo quanto o particípio (gerúndio) têm o significado de presente e de futuro. O termo *aiónion* (αιωνιος, α,ον) tem o sentido de eterno ou de eternidade; o advérbio *ontós* (’οντως) significa “realmente, na realidade”; o particípio presente plural de *eimí* (εἰμι) pode significar as coisas existentes, a realidade, os seres (*ta onta*, τα ’οντα). O substantivo *aión* (αιων) diz respeito ao tempo, à duração da vida, à vida em processo de geração, etc. Minkowski concebe a duração temporal (*aión*) com o sentido bergsoniano de *élan vital*, de força ou pulsão vital, vida psíquica, eternidade, duração da vida, geração, vida durável e eterna, infinitude, etc. A sua principal obra “O Tempo Vivido”, que talvez pudesse ser mais precisamente traduzida por “a vivência psíquica temporal” ou “o tempo vivente”, já que “vivido” pode dar a idéia de algo estático e passado, constitui uma referência importante para os psiquiatras que procuram compreender fenomenologicamente as diversas apresentações de doenças mentais. Na introspecção autista dos assim denominados psicóticos esquizofrênicos o mundo é percebido em função de uma deficiência de intuição e da vivência do tempo, do dinamismo vital com relação à realidade externa, havendo predominância de fatores estáticos, de imobilidade e de hipertrofia dos fatores de ordem espacial e mecanismos de defesa racionais (Minkowski 1995, pp. 255-70). Já nos indivíduos que apresentam transtornos psíquicos predominantemente afetivos de caráter psicótico ocorrem fenômenos opostos com relação ao contato vital com a realidade ambiente ou social: excitação maníaca (euforia exagerada) e depressão melancólica. As propriedades estruturais e formais dos fenômenos vivenciais esquizofrênicos são “antipáticos”, em franca oposição aos fenômenos simpáticos ou sintônicos da duração vivenciada nos transtornos psicóticos afetivos, antigamente denominados de psicose maníaco-depressiva (monopolar ou bipolar), onde ocorrem fenômenos de deslocamento temporal de caráter obsessivo ou excessivamente controlador como tentativa compensatória de suprir o dinamismo temporal deficitário e a sensação de inibição e de parada do tempo vivenciado. Assim, na depressão afetiva intensa a estrutura fenomênica do tempo aparece na forma de um contraste mais ou menos intenso entre a percepção do tempo imanente e o tempo transitivo (*ib.*, pp. 279-80). A angústia se liga à idéia de morte e se torna constante. Enquanto a vivência de morte imanente está ligada à vida natural, um outro fenômeno, a vivência psicopatológica de morte transitiva, com características hostis, negativas, estranhas, proveniente do ambiente, turvando a consciência, barrando o fluxo da vida mental saudável e bloqueando também a vivência imanente de morte

e resultando no impulso ao suicídio. Neste ponto, o doente que aspira à cura declara que a morte lhe trará a cura. Vejamos o que nos diz Minkowski a respeito da relação entre a vivência temporal imanente e a transitiva, assim como a sua ligação aos mecanismos psíquicos de defesa:¹

O tempo imanente se detém, o doente procura suprir uma certa deficiência por um tipo de avanço no tempo transitivo, avanço que ele realiza com a ajuda do cálculo; mas é evidente que esta operação não pode lhe dar satisfação pois ela está tão longe de uma progressão real quanto o tempo transitivo está afastado do tempo do tempo imanente; e ao perseguir esta quimera, o doente é condenado a recomençar sempre de novo a sua tarefa; o cálculo o obseda (Minkowski 1995, pp. 285)

A obsessão do suicida parece, então, decorrer do fenômeno de privação da vivência temporal imanente e do afastamento do indivíduo do fluxo progressivo do real e a fuga artificial da racionalização e do cálculo das relações estáticas e espaciais no plano transitivo. Na psicopatologia fenomenológico-estrutural minkowskiana, o conceito de tempo-qualidade ou tempo vivido, desenvolvido principalmente em sua obra “*O Tempo Vivido*” (1933), assim como o conceito de espaço vivido, permanecem hodiernamente como um fenômeno complexo a ser investigado. A experiência vivida do tempo e do espaço é das mais comuns na existência humana e um exemplo corriqueiro é a experiência de se visitar, na idade adulta, o local onde se viveu na infância: o que era enorme é agora re-vivenciado como pequeno e distante do presente. O problema da instantaneidade e da sucessividade do tempo psíquico, isto é, a questão da percepção da consciência entre a série de objetos simultaneamente escalonados no espaço e a dos estados mentais sucessivamente desenvolvidos no tempo é explicitado por Minkowski através do conceito metafórico de “nada” e do caráter irracional do devir, a partir de uma passagem da obra de Johannes Volkelt, “*Fenomenologia e Metafísica do Tempo*,”² como segue:

O passado é passado, logo ele não é mais; o futuro não é ainda; o presente se encontra assim entre dois nadas; mas o presente, o agora, é um ponto sem extensão; no momento que o presente está lá, ele já não é mais; o agora é pois contraditório e deste modo é também um nada. É assim que a realidade se reduz, por um momento, a um nada situado entre dois nadas. (*ib.*, p.18)

Na concepção minkowskiana, as considerações teóricas de Volkelt sobre o tempo como um nada não provam que ele possa ser reduzido a uma fórmula lógica, a um nada, a um fenômeno inexistente com valor absoluto e exclusivo. O tempo minkowskiano é fenomenológico, vivo, vivente, é um “devir”, algo que é no instante exato em que é e que deixa de ser para ser substituído por um novo e sempre fluente vir a ser (Minkowski 1995, pp 18-9). Em relação à concepção artificial da passagem do tempo vivido ao tempo assimilado ao espaço, Minkowski invoca o critério metodológico bergsoniano:

Fiéis à filosofia de Bergson, temos feito ressurgir o caráter irracional do devir. Mas o que fazer em presença desse desacordo profundo entre o tempo vivido e os procedimentos do pensamento discursivo?” (*ib.*, p.18-19). Sua resposta a esta questão é a seguinte: “Uma solução se impõe ao espírito. O tempo, em razão do seu aspecto particular, exige, se não é para ser analisado, ao menos para ser posto mais em relevo, um método particular, próprio à sua natureza. (*ib.*, p.19).

O nome do método de captação intuitiva deste fenômeno imediato da consciência, o tempo vivido, é denominado de método intuitivo ou de “penetração”, a partir das teses bergsonianas, conforme Minkowski afirma nesta passagem de “*Le Temps Vécu*”:

Bergson preconizou o método intuitivo. (...) Pode-se, como fez o próprio Bergson na sua ‘Evolução criadora’, atribuir ao tempo um substrato mais estável e mais consistente, sob a forma de fenômenos biológicos, e deste modo chegar a uma percepção luminosa do encadeamento dos fatos da natureza. (*ib.*, pp. 19-20)

Também a vivência de prazer e de desprazer tende a influenciar o tipo ou a qualidade da experiência temporo-espacial na medida em que “*nos momentos de fadiga, de desencorajamento, de decepção, tudo me parece fugidio, efêmero, imperceptível.*” (*ib.*, p.20)

Além disso, qualquer representação do tempo-espaço psíquico torna-se espacializado, reificado, se não for interpretada como sendo metafórica, já que ao se representar a realidade conceitualmente corre-se o risco de atribuir aos fatos um caráter interpretativo estático, racional, artificial. Assim, Minkowski nos afirma que:

(...): o tempo se apresenta, de um lado, como um fenômeno irracional, refratário a toda fórmula conceitual; mas, por outro lado, desde que tentamos representá-lo, ele toma de um modo natural o aspecto de uma linha reta; é preciso pois que existam fenômenos vindo se intercalar e se escalar entre os dois aspectos extremos do tempo, tornando possível a passagem de um ao outro. (*ib.*, p. 22)

Quanto aos fenômenos da duração e da sucessão temporais, Minkowski nos diz que “tanto quanto os objetos imóveis do mundo exterior duram, sem se penetrarem do fluxo vivo do tempo, assim também duram os nossos estados de consciência e os eventos que se desdobram em torno de nós, em se desdobrando”. (*ib.*, p.23) Assim, conforme Minkowski, “para o fenômeno da duração que flui, as coisas se complexificam, ao menos aparentemente, pelo fato de que nós não temos na nossa linguagem um termo único para designar esse fenômeno. Daí a impressão que ele contém dois elementos distintos, a saber, a duração e o fluxo”. (*ib.*, p.23). A duração é concebida como sendo um momento ou fator não temporal (*ausserzeitliches Moment* de Johannes Volkelt), que todavia pertence de algum modo ao tempo: “em função do princípio de que tudo o que é tempo deve se modificar, trocar, deslocar-se incessantemente, princípio que como nós vimos anteriormente, constitui uma visão do espírito, mas não repousa de modo algum sobre a natureza mesma do tempo”. (*ib.*, p.23). E sobre a duração vivida ele nos diz que ela constitui um fenômeno simples e indecomponível. Fiel a Bergson, Minkowski considera que há uma diferença essencial entre a ‘duração pensada’, com os seus pontos justapostos, e a ‘duração vivida’, com a sua constante organização vivente, pois no que tange aos fenômenos da duração e da sucessão “não há diferença essencial entre passar de um estado a um outro e persistir no mesmo estado”, pois pode-se conceber a sucessão como uma intuição, como “uma solidariedade, uma organização íntima de elementos, onde cada um, representativo do todo, disso se distingue e disso se isola para um pensamento capaz de abstrair”. (*ib.*, p.23-4). Em suma, o problema do tempo vivencial ou mental está essencialmente ligado à tese bergsoniana da Consciência, tal como aparece na obra “*Matéria e Memória*”, como sendo a propriedade essencial dos estados psicológicos. A Consciência, na condição de marca característica do presente atualmente vivido, constituiria o domínio atual de todo fenômeno real. No domínio psicológico, a Consciência seria a ação real, de eficácia imediata, com o papel de presidir a ação e iluminar uma escolha. Ela projeta, assim, a sua luz sobre os antecedentes imediatos da decisão e sobre todas aquelas lembranças passadas capazes de se organizarem utilmente com eles; o resto permanece na sombra. (Bergson 1999, pp. 165-170) No que se segue, indicaremos a relação entre os conceitos de tempo vivido, de Consciência e de Inconsciente na visão bergson-minkowskiana.

Duração, simultaneidade e vivência temporal

Henri Bergson, falando sobre a realidade presente aceita pela consciência, nos explica a sua concepção de tempo presente, na terceira parte de sua obra “*Matéria e Memória*”. O conceito de “tempo vivido” de Bergson inspirou Minkowski a escrever, talvez, sua mais importante obra: “*O Tempo Vivido*” (*Le Temps Vécu*, 1933). Diferentemente do tempo puro, idealmente concebido, o tempo vivido, real ou concreto, o tempo existencial da experiência normal ou patológica é o tempo da percepção presente, que ocupa uma duração:

O que é, para mim, o tempo presente? É próprio do tempo decorrer; o tempo decorrido é o passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre. Certamente há um presente ideal, puramente

concebido, limite indivisível que separaria o passado do futuro. Mas o presente real, concreto, vivido, aquele a que me refiro quando falo de minha percepção presente, este ocupa necessariamente uma duração. (Bergson 1999, p.161)

Mas, como entender a duração, usando metáforas espaciais, sem retificá-la espacialmente? Bergson assim nos explica:

Onde portanto se situa essa duração? Estará aquém, estará além do ponto matemático que determino idealmente quando penso no instante presente? Evidentemente está aquém e além ao mesmo tempo, e o que chamo “meu presente” estende-se ao mesmo tempo sobre meu passado e sobre meu futuro. (*ib.*, p.161)

Assim, a duração se “estende” ao mesmo tempo sobre o passado e o presente, e o limite entre ambos é indivisível, já que a divisibilidade é um atributo espacial e o estado psicológico presente é concomitantemente uma percepção imediata passada e uma “propensão” (determinação) imediata futura. Deste modo: “É preciso portanto que o estado psicológico que chamo ‘meu presente’ seja ao mesmo tempo uma percepção do passado imediato e uma determinação do futuro imediato.” (*ib.*, p.161). O momento presente é um estado consciencial da corporeidade, ao mesmo tempo sensorpercepção e movimento, ação e percepção, sensorialidade e motricidade, sem um limite ou divisibilidade de caráter espacial. O passado imediato, enquanto percebido, é sensação, já que para Bergson, toda sensação traduz uma sucessão muito longa de estímulos elementares e o futuro imediato é ação ou movimento. O presente é sensação e movimento ao mesmo tempo. Ele forma um todo indiviso, um movimento que se liga à sensação e a prolonga em ação. O presente consiste, portanto, num sistema combinado de sensações e movimentos, que por essência é sensório-motor, isto é, que consiste na consciência que se tem do próprio corpo. (*ib.*, p.161-2). Ao contrário do tempo quantidade, espacializado, característico dos fenômenos de deslocamento de objetos numa superfície espacial, que é artificialmente concebido para os fins práticos da vida de relação, o tempo qualidade ou vivido pela mente (duração vivida) torna-se um fenômeno essencial da vida humana e não pode ser entendido de forma espacializada ou com as qualidades da extensão física, pois “o agora se impõe bem mais globalmente como um elemento essencial do tempo qualidade” (Minkowski 1995, p.31). Por isso, os conceitos tradicionais de passado, presente e futuro adquirem um significado de relação imediata e perdem qualquer atributo, aliás falso, de extensão ou espacialização, conforme nos explica Minkowski na esteira teórica das concepções bergsonianas: “O passado e o futuro não existem senão pela relação ao presente e não de outro modo, assim como o presente não pode ter surgido senão do passado ao qual ele deve se juntar; ele deve, por outro lado, dar nascimento necessariamente ao futuro” (*ib.*, p.33).

Pulsão vital e consciência do tempo vivido

Eugène Minkowski desenvolve a sua epistemologia fenomenológica estrutural a partir da relação entre o tempo vivido pela consciência e a pulsão vital da estrutura da vida mental, colocando a questão do passado e do futuro imediatos numa nova visão de realidade. Essa ligação íntima entre a pulsão de vida e a vivência da realidade se apresenta, inclusive, ao longo de toda sua obra psicopatológica, como essencial à compreensão da existência e da patologia mental. Assim, ele procura desfazer o tradicional salto ontológico entre o dito normal e o psicopatológico (anormal). Sobre o conceito de futuro, Minkowski nos afirma que este se liga intimamente ao de pulsão vital (*élan vital*), como se fossem um só conceito, pois a pulsão vital nos revela a existência do futuro e lhe dá uma significação própria. (Minkowski 1995, p.35) Mas, como é que se pode escapar do reducionismo associacionista da concepção

de tempo-quantidade e caminhar para a uma proposta de concepção de tempo fenomenológico enquanto qualidade da consciência, no fluxo dinâmico do movimento vital? Qual é exatamente a relação entre o tempo vivido pela consciência e a pulsão vital (*élan vital*) de que nos fala Henri Bergson? Para responder a esta questão Minkowski realça a importância de não se deixar prender por nenhuma forma de reducionismo, seja de natureza intelectual, afetiva ou volitiva (instintiva). Para este autor “a pulsão vital não se deixa de nenhum modo reduzir a uma qualquer volição ou a uma tendência dirigida para um fim preciso e nem a uma soma de volições ou de fins semelhantes que virão se escalonar no tempo.” (*ib.*, p.35). A relação entre o passado e o futuro é agora concebida como uma relação conceitual que ocorre necessariamente na instantaneidade do presente vivido, o que implica na assunção de uma visão dinâmica do tempo, em que o futuro é uma espécie de presente do que poderá vir a ser. Para Minkowski, o futuro é expansão, desenvolvimento, dinamicidade e riqueza vivencial. O passado nasce do apagamento do futuro que deixa de ser presentificado. (*ib.*, p.36). Analisemos brevemente, a seguir, a importante e fundamental questão da consciência e do inconsciente na visão bergson-minkowskiana.

Consciência, Inconsciente e *Consciência-inconsciente*

Fiel à concepção de Bergson, Minkowski denomina de *Inconsciente ao fundo movente*, de profundidade, da consciência ou estrutura da vida psíquica. (Minkowski 1995, p.47). Na concepção bergsoniana, os estados psicológicos inconscientes devem ser concebidos a partir da conceituação da consciência enquanto uma propriedade essencial dos estados psíquicos, de modo que “um estado psíquico não poderia deixar de ser consciente sem deixar de existir” e, sendo a consciência a marca característica do presente, do que é atualmente vivido, do real, “do que age, então o que não age poderá deixar de pertencer à consciência sem deixar necessariamente de existir de algum modo”. (Bergson 1999, p.165) Assim, a consciência não seria sinônimo de existência e sim de ação real, e o conceito de inconsciente equivaleria ao de virtualidade ou de iminência em busca de atualidade no momento da percepção. O conceito minkowskiano de inconsciente pode ser concebido fenomenologicamente com o significado de uma “consciência-inconsciente” ou consciência do inconsciente sem cair na aparente contradição que o termo poderia apresentar, pois, de um ponto de vista fenomenológico o conceito de estrutura mental una e indivisível não implica na existência de partes decompostas, isoladas e antagônicas. A aparente contradição de termos encontra-se, na fenomenologia, na contradição da formulação ou na conceituação imprópria que o termo tradicionalmente incorre:³

O termo inconsciente... está, no fundo, tão presente, senão mais presente, à consciência do que tudo o que habitualmente se descreve sob o nome de consciente, e o elemento negativo que se encontra no termo ‘inconsciente’ significa somente que o fundo inconsciente, em razão mesma de seu caráter essencialmente dinâmico e vivo, não pode ser nem detido, nem decomposto, nem expresso de um modo tão preciso, no sentido racional da palavra, do que os elementos conscientes de natureza estática. Nesse sentido, não hesitaremos de modo algum em falar de ‘consciência do inconsciente’, sem cairmos na contradição que parece conter esta expressão. (Minkowski 1995, p.47)

Por conseguinte, o conceito de inconsciente deixa de ser concebido como uma instância impenetrável e obscura, e adquire muitas das propriedades comumente atribuídas à consciência, sem perder a sua natureza de movente primário ou motivação basal da vida mental:

É o inconsciente, impreciso e obscuro à primeira vista, que parece ser o verdadeiro suporte, o primeiro móvel de nossa pulsão pessoal; é ele que torna plausível que as nossas ações isoladas possam em geral repousar sobre os móveis positivos acessíveis à razão, que possa em geral existir na consciência esse algo inteiramente particular que nós designamos pelo nome de ‘motivação’. (*ib.*, p.47)

O conceito fenomenológico de inconsciente está também ligado ao conceito de sincronicidade vivida ou sincronismo vivido e relaciona-se com o conceito dinâmico de tempo-duração e de contato vital com a realidade:

É evidente que o contato vital com a realidade seja de natureza dinâmica. Não se trata aqui nem de ‘tocar’ a realidade material ou de ser tocado por ela, nem de algum fenômeno comparável às relações desta ordem. O que temos em vista, é a faculdade de ‘avançar’ harmoniosamente com o devir ambiente, deixando-nos penetrar inteiramente por ele, sentindo-nos um com ele. Neste sentido, empregamos também o conceito de sincronismo vivido para designar o fenômeno estudado. (*ib.*, p.59)

No contexto epistemológico do problema da relação mente-corpo, um outro autor e contemporâneo de Minkowski, Carl Gustav Jung (1875-1961), considera que corpo e psique constituem dois aspectos do ser vivo que agem simultaneamente e, tal simultaneidade ou existência simultânea pode ser representado pelo conceito, ou princípio, de *sincronicidade* ativa no mundo. A sincronicidade,⁴ de um ponto de vista junguiano, expressa a idéia de fatos que de certo modo acontecem juntos como se fossem um só, apesar de ainda não compreendermos exatamente essa integração entre eles, nem a integração entre a psique e o corpo. A falta de um método matemático que evidencie essas identidades permanece como um desafio para o futuro. O conceito junguiano de *sincronicidade*⁵ é, nas palavras do próprio Jung, um equivalente pobre do conceito oriental de *Tao*, na medida em que tenta expressar um conjunto de coisas indissociáveis. O exemplo de Jung, na sua obra “Fundamentos da Psicologia Analítica”, para ilustrar o termo, é simples:

A gente está na praia e as ondas trazem um chapéu velho, um sapato, uma caixa, um peixe morto, que ficam ali na areia. Olhamos e dizemos: ‘Acaso, mera bobagem’. O chinês se pergunta: ‘o que significam todas essas coisas juntas?’ A mente oriental trabalha com este estar junto e chegar junto, no mesmo instante”. (Jung 1972, p.97)

Na medida em que a sincronicidade vivencial parece ser um importante fenômeno psíquico a ser investigado, pensamos que tanto na psicologia analítica junguiana (a sincronicidade dita acausal de C. G. Jung) quanto na fenomenologia bergson-minkowskiana (sincronicidade vivida) os conceitos de inconsciente, de sincronicidade, de simpatia e de “consciência inconsciente” desempenham um papel fundamental. A semelhança conceitual de ambas as escolas, a prospectivo-hermenêutica ou construtivo-sintética de Jung e a fenomenológico-estrutural de Minkowski, parecem convergir em muitos aspectos essenciais, tais como: prospectivismo, anti-associacionismo, condicionalismo acausal, anti-racionalismo, perspectiva da complexidade e da fenomenologia existencial, dinamicismo, sincronicidade e sincronismo vivido, pluralismo ontogenético, transpessoalidade, holismo e anti-anthropocentrismo, só para citar alguns dentre os vários outros aspectos de semelhança teórico-conceitual entre as duas escolas de pensamento. O conceito central de tempo psíquico vivido pela consciência na continuidade dinâmica do devir, desde a latência inconsciente até a expressão clara consciente nos leva, para finalizar, à interessante concepção bergsoniana da evolução criadora da vida psíquica, em que a consciência é a marca característica do presente, do atualmente vivido, do que age, da ação real, da eficácia imediata, do papel de presidir a ação, de iluminar as escolhas. O passado recente é virtualidade daquilo que já foi atualidade momentânea e o futuro imediato consiste numa ação iminente. No domínio da consciência tudo o que é real é presente, é atualidade, é temporalidade vivida. O conceito de sincronismo vivido de Minkowski recebe uma acepção temporal, similar à junguiana, de duração psíquica que flui e evolui harmoniosa e paralelamente, através de duas séries fenomênicas que se interpenetram constantemente, ao longo do percurso do contato vital da vida mental com a realidade. Minkowski explicita brevemente o conceito nesta passagem da sua obra *Le Temps Vécu*:

Esse termo (sincronismo vivido) nos faz pensar em duas linhas paralelas. Com efeito, há como que um esboço de paralelismo no contato vital com a realidade. São como duas durações que evoluem

harmoniosamente e em mútua concordância, uma ao lado da outra. Mas a imagem do paralelismo não poderia ser aplicada integralmente ao fenômeno estudado. (Minkowski 1995, p.59)

Um outro conceito, o de *simpatia* é utilizado por Minkowski para descrever o fenômeno de interpenetração intuitiva entre duas pessoas, similarmente ao conceito freudiano de comunicação entre inconscientes, mas aqui aplicado ao fenômeno de contato vital ou “comunhão” interpessoal:

Um outro fenômeno ainda realiza de um modo particularmente vivo o contato vital com a realidade; é a ‘simpatia’, no sentido etimológico da palavra. Denominamos assim esse dom maravilhoso que carregamos em nós de fazer nossas as penas de nossos semelhantes, de nos penetrarmos inteiramente, de nos sentirmos em perfeita comunhão, de nos tornarmos um com eles. (*ib.*, p.61)

A teoria fenomenológica minkowskiana se apóia na relação ou contato vital entre o ser e o outro, o eu e o tu. Na doença mental, ocorreria uma retração ou inibição do contato vital com o meio ambiente, levando a uma desagregação da síntese da personalidade humana e a uma independência dos elementos que constituem a estrutura da vida mental. A vivência do tempo se imobilizaria na forma de sucessão espacializada, como se a instantaneidade do tempo vivido fosse dissociada em partes semelhantes, fixas, levando inevitavelmente às clássicas aporias de Zenão de Eléia. Na relação entre o ser e o mundo, se intercalariam os objetos do ambiente que passariam a ser interpretados de acordo com a estrutura mental interpretante, o outro interlocutor. No caso da estrutura psicótica, o delírio assumiria um caráter muito mais complexo do que um simples distúrbio do juízo:

Assim, as idéias delirantes não serão mais unicamente os produtos de uma imaginação mórbida ou distúrbios do julgamento; elas representarão, ao contrário, uma tentativa de traduzir na língua do psiquismo do passado a situação não costumeira em presença da qual se encontra a personalidade que se desagrega. (*ib.*, p.179-80)

Em suma, a vivência alterada ou psicopatológica do tempo e do espaço psíquicos, sejam quais forem as origens desta transformação da vida psíquica, determinam a qualidade da estrutura da experiência humana no mundo fenomênico. O que se denomina “sintomas” da doença mental seriam os modos de existir e de experienciar psiquicamente o tempo e o espaço irreduzíveis. As propostas bergsonianas e minkowskianas, e de certo modo também junguianas, nos levam a questionar a avalanche de conceitos-diagnósticos da atual classificação internacional de doenças mentais (CID-10) e do manual estatístico e diagnóstico norte-americano de doenças mentais (DSM-IV), na medida em que os sintomas psicopatológicos assumem quase que o estatuto de entidades nosológicas distintas e redutíveis às “lesões” neurobioquímicas e biogênicas, desconsiderando as enormes conquistas da fenomenologia, da psicogênese das doenças mentais e da psicanálise.

Conclusão

Iniciamos este capítulo sugerindo que os conceitos fenomenológicos de Henri Bergson e de Eugène Minkowski concorrem para a descrição e a compreensão da estrutura da vida mental dinâmica, a partir da percepção da temporalidade psíquica irreduzível e da visão anti-estática de temporalidade não-espacial. O conceito de tempo-duração encontra-se presente na própria formação da semântica grega antiga através do conceito de duração ligado à raiz dos verbos ser, estar, existir e ir, conferindo ao tempo vivencial o caráter de fluxo movente. As aplicações da conceituação e das idéias fenomenológico-estruturais de Eugène Minkowski à psicopatologia nos levam às tentativas de se resolver o tradicional e milenar problema epistemológico da relação espírito-matéria, psique-soma ou mente-corpo. As considerações psicopatológicas minkowskianas, baseadas na compreensão fenomenológica da doença

mental a partir dos conteúdos expressivos da linguagem e os relativos aos diversos modos de deformação da percepção temporal, abrem possibilidades heurísticamente importantes nas investigações epistemológicas da mente. Na medida em que se afastam tanto do reducionismo reificante e estéril das concepções neurobiologizantes quanto das conclusões ingênuas de diversas interpretações ditas psicodinâmicas, a teoria minkowskiana da mente pretende nos livrar do caráter dogmático e unilateral de algumas escolas de pensamento e nos abrir as vias da intuição clínica à compreensão dos transtornos psíquicos, inclusive pela via da “penetração” intuitiva e empática, ou seja, da possível apreensão dos dados imediatos da consciência, segundo as formulações bergsonianas. Quanto ao problemático e controverso conceito de “consciência do inconsciente”, cabe-nos investigar a sua possível não-contraditoriedade, evitando assim as aporias de um dualismo ontológico do tipo inconsciente *versus* consciência. Se levarmos em conta as formulações teóricas bergsonianas sobre a consciência, uma “consciência inconsciente” pode ser naturalmente conceituada como uma estrutura psíquica una e indivisível, um *continuum*, sem partes decomponíveis, isoladas ou antagônicas. A aparente contradição seria um falso problema de linguagem que estaria mal formulado por conceituação imprópria. Assim sendo, a instância psíquica dita inconsciente seria o primeiro momento de uma pulsão vital ou o primeiro móvel da vida psíquica, num amplo e contínuo espectro “inconsciente-consciência”, sem solução de continuidade ou dicotomia. Por extensão, o conceito de desarmonia ou doença mental, a partir do paradigma da continuidade da relação entre o normal e o patológico, e da relação de continuidade entre as várias modalidades do adoecer psíquico, nos levaria a compreender o espectro neurose-psicose da psicopatologia clássica a partir de uma visão multidimensional que consideraria a influência da vivência temporal como um importante elemento heurístico. Mas, além do tempo vivido há que se ater à necessidade de um outro importante campo de estudos experimentais e epistemológicos: a dimensão fenomenológica da vivência do espaço, do espaço vivido, já que tão importante quanto compreender o tempo psíquico é conhecer o espaço psíquico. Tema para outro espaço e em outro tempo, no fluxo inesgotável da “*episteme*”, do conhecimento filosófico-científico.

Notas

¹ Todas as traduções das citações de Eugène Minkowski são do autor deste artigo, dado que não há até o presente momento versões em português.

² Johannes Volkelt. *Phenomenologie und Metaphysik der Zeit*, München, 1925, pp.31-2, in: Eugène Minkowski, *Le Temps Vecú*, 1995, p.15 e 18.

³ Freud justifica o seu conceito de “O Inconsciente” com a afirmativa: “Quem se rebelou contra a suposição de algo psíquico inconsciente não pode ficar satisfeito trocando-o por uma *consciência inconsciente*”. In: Freud, Sigmund. *O Inconsciente* (1915), Buenos Aires: Amorrortu Ed., obras completas, v.14, p.166 (§8), 1996.

⁴ Jung, C.G. *Fundamentos da Psicologia Analítica* (As Conferências de Tavistock, 1935). Petrópolis: Vozes, 1972, p.55; Um estudo mais completo encontra-se em : Jung, C.G. *Synchronicity: an acausal connecting principle*, C.W., vol.8.)

⁵ *ibidem*, p.97.

Referências Bibliográficas

- BERGSON, Henri (1984). *O Cérebro e o Pensamento: uma ilusão filosófica*. Tradução de Franklin Leopoldo e Silva. Col. Os Pensadores, 2ª edição. São Paulo.
- _____. (1978). *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2006). *Duração e Simultaneidade*. tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.

- _____ (1958). *Essai sur les Données Immediates de la Conscience, 1927*. Paris: P.U.F.
- _____ (1999). *Matéria e Memória: Ensaio sobre a Relação do Corpo com o Espírito*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (2006). *Memória e Vida*. tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (2006). *O pensamento e o Movente*. tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (1986). *L'Évolution Créatrice, 1941*. 156ª edição. Paris: Quadrige/P.U.F.
- ELIAS, Norbert (1998). *Sobre o Tempo*. Tradução de Ueber die Zeit, por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- JUNG, Carl G. (1984). *A Dinâmica do Inconsciente*. Obras Completas. Vol. 8. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____ (1972). *Fundamentos da Psicologia Analítica (As Conferências de Tavistock, 1935)*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (1986). *Psicogênese das Doenças Mentais*. Obras Completas. Vol. 3. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MINKOWSKI, Eugène; FURSAC, Rogues. (1923). *Contribution à l'Étude de la Pensée et de l'Attitude autistes (Le rationalisme morbide)*. In: *Encephale*, XVIII, 4.
- _____ (2002). *Phénoménologie et Analyse Existentielle em Psychopathologie. L'évolution psychiatrique, 1948*, Fasc. 4, pp 137-185. In: *Écrits Cliniques, textes rassemblés par Bernard Granger, Édition Érès*.
- _____ (1997). *La Notion de Perte de Contact Vital avec la Réalité et ses Applications em Psychopathologie*. In: *Au-Delà Du Rationalisme Morbide*. Paris: L'Harmattan.
- _____ (1999). *Vers une Cosmologie, 1936*. Paris: Éditions Payot & Rivages.
- _____ (1995). *Le Temps Vecú. 1933*. Paris: Quadrige/P.U.F.